

José
Maria
Lopes de
Araújo
falou
sobre "a
realidade
e a ficção
na
televisão"

Comunicação Social em debate em Fátima

"Promiscuidade entre jornalismo e política na televisão" em destaque

"Promiscuidade entre jornalismo e política na televisão" foi um tema em destaque esta quinta-feira na abertura das jornadas nacionais de Comunicação Social, organizadas pela Igreja Católica, em Fátima.

Joaquim Franco
Jornalista

O assunto foi abordado numa conferência de José Maria Lopes de Araújo, professor de Comunicação Social, sobre "a realidade e a ficção na televisão", com a presença de jornalistas de vários órgãos de comunicação social.

A propósito, o docente da Universidade Católica Portuguesa disse que as relações entre jornalistas e políticos são diferentes consoante se estabelecem nos domínios público ou privado, mas o resultado acaba por reflectir-se no produto informativo das televisões, **"havendo alguma promiscuidade entre jornalismo e política"** que manipula a percepção da realidade.

José Lopes de Araújo, também escritor e jornalista, acrescentou que a **"força e capacidade de sedução da televisão é tal que, mais do que descrever a realidade, ela constrói acontecimentos"**.

Porque o espectador **"menos protegido se rende facilmente à capacidade hipnótica da televisão"**, o professor de Comunicação Social defendeu que a escola deve investir na formação de consciência crítica para o consumo de conteúdos televisivos.

A mistura entre a realidade e a ficção na produção televisiva é um fenómeno que acontece **"sistematicamente"** e afecta a percepção da realidade e a capacidade crítica dos telespectadores, alertou José Maria Lopes de Araújo. O especialista perguntou se **"só existe o que a televisão mostra"**, referindo a credibilidade quase dogmática atribuída à expressão **"apareceu na televisão"**.

Lopes Araújo frisou que **"a TV não mostra, deixa ver algumas coisas"**, pelo que a percepção da realidade **"é limitada a um quadro"**. A sua credibilidade, portanto, tem limites que muitas vezes **"são abalados"**.

Neste contexto, deixou uma série de conselhos para promover o sentido crítico: **"Ser selectivo; considerar a fonte; ler; não acreditar em tudo o que se vê; examinar; ser céptico; questionar; ser espectador activo; ter bom-senso e senso comum"**.

No caso das crianças, foi criticado o efeito da exposição à violência e da **"banalização da morte"**, alertando para a **"capacidade de substituição da televisão relativamente ao papel dos pais e das escolas"**.

O professor da UCP recusou, contudo, a ideia de que a TV seja **"a causa de**



todos os males", criticando a forma pouco responsável como os educadores e pais deixam os filhos ver televisão, sem regras ou contextos.

As jornadas nacionais de Comunicação Social decorrem em Fátima até esta sexta-feira e são promovidas pelo Secretariado Nacional das Comunicações Sociais da Igreja Católica, que convidou jornalistas para o debate à volta do tema "Será verdade o que vemos, ouvimos e

lemos?".

Sensacionalismo vs dignidade

À margem dos trabalhos, o bispo que preside à Comissão Episcopal para a Cultura, Bens Culturais e Comunicações Sociais deu a entender que os órgãos de comunicação social ligados à Igreja Católica não devem ceder facilmente ao sensacionalismo.

D. Manuel Clemente disse que **"para quem se rege por valores cristãos, o valor a respeitar é o da dignidade das pessoas"**. O bispo reconheceu que "não interromper com o sensacionalismo qualquer o processo de existencial da pessoa, deve ser uma carga de trabalhos para um jornalista" e reforçou que a opção não deve ser a cedência à lógica do sensacionalismo, mas **"dar passos em frente, conjugando a eficácia com os valores da dignidade da pessoa"**.

D. Manuel Clemente, que é também bispo do Porto, acrescentou que o jornalismo deve ser **"honesto e não diminuto na maneira de apresentar assuntos com densidade humana"**.